



LABORATÓRIO DE
ARTES VISUAIS 2019

A princípio, a presente exposição não busca compreender um diálogo sonoro e assertivo, pois as obras aqui reunidas são a entonação de um projeto cujo exercício poético está atrelado ao ato experimental da produção individual de cada artista, hora dentro, hora fora.

Na obra de Alan Oju uma grande faixa se estende sobre vergalhões, dessa forma conflitante com o acesso da própria galeria, não de forma impeditiva, mas contestadora. Portanto quando o artista se apropria de mensagens publicitárias destinadas ao mercado imobiliário e desloca seu sentido de modo expandido, Oju provoca atritos entre o sujeito e o espaço urbano, seu ato de ressignificação discursiva questiona as relações sinuosas que se dá entre indivíduo e sua alienação cotidiana.

Mergulhando em uma profusão caótica de uma necessidade exacerbada pela busca de sentido, Daniel Alonso exhibe sua compulsão pela repetição. Onde um grande livro formado por páginas de diferentes tamanhos é tomado pelo excesso do gesto mecânico de carimbar, apesar do artista lidar com formas que se submetem a uma geometria linear, seu ato compulsivo se expande pelas paredes rompendo com a estrutura lógica de uma semiótica aplicável, logo a compreensão de que existe uma ordem dentro do caos provoca um desejo de encontrar uma reorganização dentro deste caos.

Enquanto nas pinturas de Elton Hipólito, em um primeiro momento as casas em ruínas provocam um sentido lúdico, no entanto os detalhes por menores diluem o lúdico para trazer o drama de uma memória dolorida. As ruínas retratadas são oriundas de um crime socioambiental provocado pelo rompimento da barragem de Fundão em Bento Rodrigues - MG, onde o artista durante o período em que atuou como restaurador, coletou rejeitos de minério, tornando-os pigmento para suas pinturas. O material carrega uma essência fenomenológica que não pode ser ignorada perante o olhar sensível, visto que a ação do artista junto a terra entra em comunhão ao ato poético, que quando colocado sobre o tecido branco da tela cria uma alusão de sudário.

Nos trabalhos de Ana Helena Lima, o tempo é quem rege a criação imagética da obra, através de um processo de fititipia, a artista provoca associações ambíguas de aparição e apagamento de sua própria imagem, ao impor imagens sobre folhas de lírio, cuja as ações são suscetíveis a exposição da luz, esse processo cronotópico expõe uma fragilidade da identidade e memória de um indivíduo perante um tempo indômito.

João Reynaldo em sua grande página se debruça sobre uma máquina de escrever redigindo um texto em Brazilian English, criando narrativas que transportam o espectador para diálogos e histórias difusas. A imagem do todo é intimidadora, sua dimensão e seu agrupamento de letras perturba, o ato do artista datilografar por meios pouco usuais demonstra um gesto altruísta da escrita pela escrita, sua obra não é simplesmente imagética no sentido primário, ela possui a necessidade do tempo de observar para além daquilo que o todo representa, existe um sentido linguístico que transborda um discurso subjetivo entre imagem e texto.

A escrita também está presente nas pinturas de Marcella Morijo, porém sua pesquisa aborda questões de identidade em convergência as novas tecnologias, se utilizando de mensagens ditas e não ditas por meio do celular, pois aqui é evocado uma profunda reflexão daquilo que não é compreendido pelo que foi dito através de uma tela, Morijo fala de uma ausência vivida na relação interpessoal, de tal modo que nos rendemos a um código que não é capaz de interpelar nossos sentimentos.

Andrey Rossi

Ao longo dos últimos seis anos tive a oportunidade de conviver com diversos artistas jovens no perfil dos artistas que a OMA Galeria trabalha. Essa experiência tem me mostrado o quanto a produção de arte contemporânea é qualificada e diversa no Brasil, a despeito de todas as adversidades que enfrentamos no dia-a-dia para produzir cultura de um modo geral, em um país onde o estímulo para essa produção é pouco. O Laboratório OMA de Artes Visuais se apresenta então nesse contexto como uma das melhores alternativas para o desenvolvimento de artistas visuais.

Com esse grupo discutimos durante um ano inteiro sobre todas as engrenagens que compõem o complexo circuito de arte, dos colecionadores a curadores, críticos, artistas, galeristas, jornalistas, consultores, diretores de museus e das principais feiras de arte do país, diversos atores do nosso meio, ouvindo na maioria das vezes diretamente dessas pessoas suas experiências acumuladas ao longo dos vários anos de atuação.

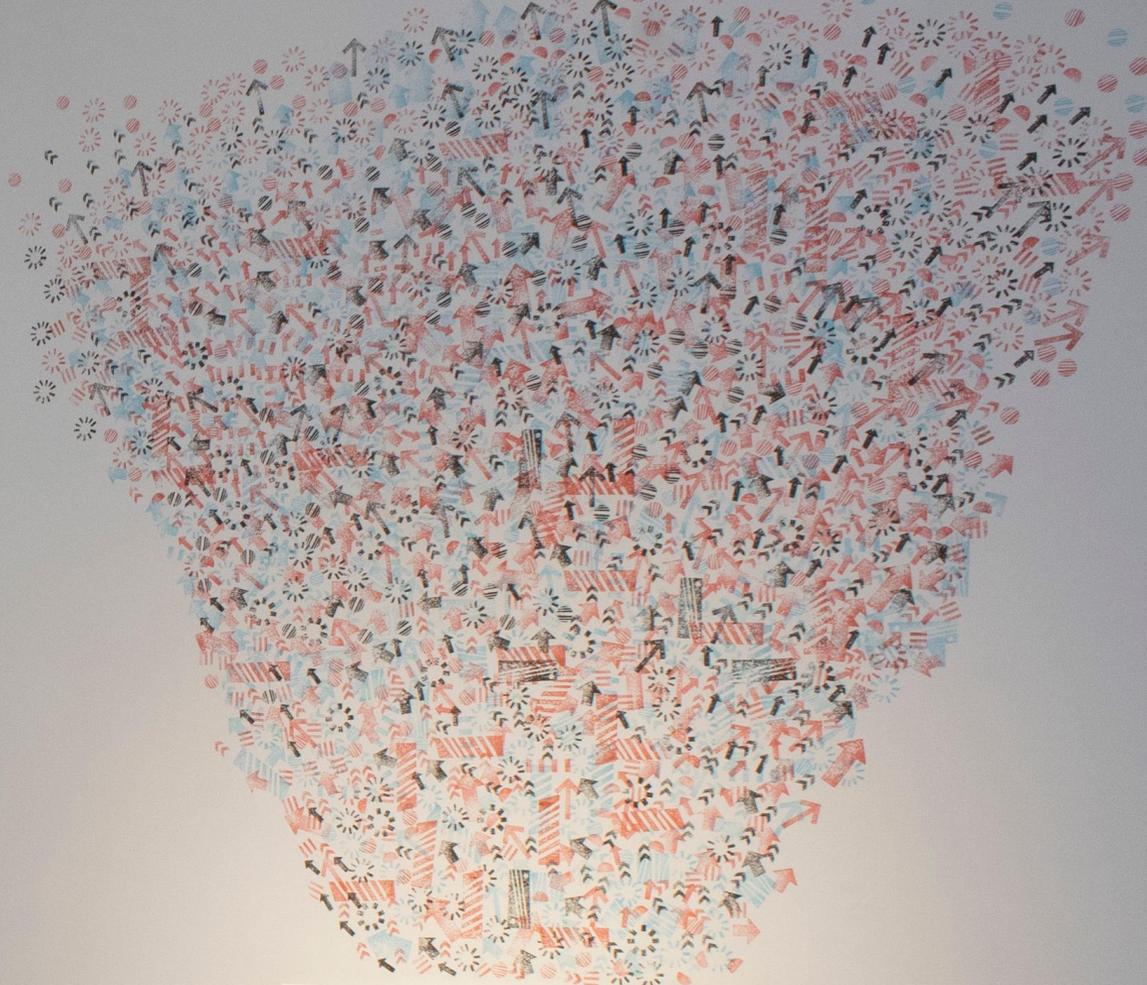
Fato é que artistas saídos desse Laboratório hoje já integram o casting de outras galerias de arte, são apresentados como grandes novidades em feiras, participam de mostras coletivas e individuais pelo país inteiro e também no exterior, são selecionados em diversos editais e salões de arte, ganham prêmios, e estampam jornais e revistas. Enfim, circulam hoje com autonomia, e com certeza em alguma medida fruto das discussões por vezes acaloradas que aconteceram ao longo do ano no Laboratório.

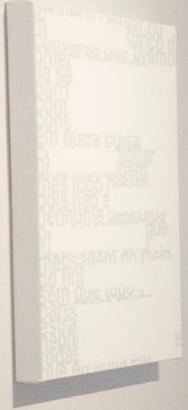
Hoje os artistas Alan Oju, Ana Helena Lima, Daniel Alonso, Elton Hipólito, João Reynaldo e Marcella Morijo são representantes de outros 19 artistas que não estão nessa exposição de encerramento, mas que igualmente fazem parte dessa 5ª Edição do Laboratório OMA de Artes Visuais e colherão frutos das trocas aqui vivenciadas.

É com muita honra que encerramos mais esse ciclo mantendo a nossa missão de transformar a partir da arte e cultura, e abrimos as portas para a nova temporada de 2020.

Aproveitem a exposição!

Thomaz Pacheco





Small, illegible text label mounted on the wall, likely providing information about the adjacent document.



SUA NOVA CONQUISTA ESTÁ AQUI!

OMA

GALERI

Ao longo dos últimos seis anos tive a oportunidade de conviver com diversos artistas jovens no perfil dos artistas que a OMA Galeria trabalha.

Essa experiência tem me mostrado o quanto a produção de arte contemporânea é qualificada e diversa no Brasil, a despeito de todas as adversidades que enfrentamos no dia-a-dia para produzir cultura de um modo geral, em um país onde o estímulo para essa produção é pífio. O Laboratório OMA de Artes Visuais se apresenta então nesse contexto como uma das melhores alternativas para o desenvolvimento de artistas visuais.

Com esse grupo discutimos durante um ano inteiro sobre todas as engrenagens que compõem o complexo circuito de arte, dos colecionadores a curadores, críticos, artistas, galeristas, jornalistas, consultores, diretores de museus e das principais feiras de arte do país, diversos atores do nosso meio, ouvindo na maioria das vezes diretamente dessas pessoas suas experiências acumuladas ao longo dos vários anos de atuação.

Fato é que artistas saídos desse Laboratório hoje já integram o *casting* de outras galerias de arte, são apresentados como grandes novidades em feiras, participam de mostras coletivas e individuais pelo país inteiro e também no exterior, são selecionados em diversos editais e salões de arte, ganham prêmios, e estampam jornais e revistas. Enfim, circulam hoje com autonomia, e com certeza em alguma medida fruto das discussões por vezes acaloradas que aconteceram ao longo do ano no Laboratório.

Hoje os artistas Alan Oju, Ana Helena Lima, Daniel Alonso, Elton Hipólito, João Reynaldo e Marcella Morijo são representantes de outros 19 artistas que não estão nessa exposição de encerramento, mas que igualmente fazem parte dessa 5ª Edição do Laboratório OMA de Artes Visuais e colherão frutos das trocas aqui vivenciadas.

É com muita honra que encerramos mais esse ciclo mantendo a nossa missão de transformar a partir da arte e cultura, e abrimos as portas para a nova temporada de 2020.

Thomaz Pacheco

A princípio, a presente exposição não busca compreender um diálogo sonoro e assertivo, pois as obras aqui reunidas são a entonação de um projeto cujo exercício poético está atrelado ao ato experimental da produção individual de cada artista, hora dentro, hora fora.

Na obra de Alan Oju uma grande faixa se estende sobre vergalhões, dessa forma conflitando com o acesso da própria galeria, não de forma impeditiva, mas contestadora. Portanto quando o artista se apropria de mensagens publicitárias destinadas ao mercado imobiliário e desloca seu sentido de modo expandido, Oju provoca atritos entre o sujeito e o espaço urbano, seu ato de ressignificação discursiva questiona as relações sinuosas que se dá entre indivíduo e sua alienação cotidiana.

Mergulhando em uma profusão caótica de uma necessidade exacerbada pela busca de sentido, Daniel Alonso exhibe sua compulsão pela repetição. Onde um grande livro formado por páginas de diferentes tamanhos é tomado pelo excesso do gesto mecânico de carimbar, apesar do artista lidar com formas que se submetem a uma geometria linear, seu ato compulsivo se expande pelas paredes rompendo com a estrutura lógica de uma semiótica aplicável, logo a compreensão de que existe uma ordem dentro do caos provoca um desejo de encontrar uma reorganização dentro deste caos.

Enquanto nas pinturas de Elton Hipólito, em um primeiro momento as casas em ruínas provocam um sentido lúdico, no entanto os detalhes por menores diluem o lúdico para trazer o drama de uma memória dolorida. As ruínas retratadas são oriundas de um crime socioambiental provocado pelo rompimento da barragem de Fundão em Bento Rodrigues - MG, onde o artista durante o período em que atuou como restaurador, coletou rejeitos de minério, tornando-os pigmento para suas pinturas.

O material carrega uma essência fenomenológica que não pode ser ignorada perante o olhar sensível, visto que a ação do artista junto a terra entra em comunhão ao ato poético, que quando colocado sobre o tecido branco da tela cria uma alusão de sudário.

Nos trabalhos de Ana Helena Lima, o tempo é quem rege a criação imagética da obra, através de um processo de fitotipia, a artista provoca associações ambíguas de aparição e apagamento de sua própria imagem, ao impor imagens sobre folhas de lírio, cuja as ações são suscetíveis a exposição da luz, esse processo cronotópico expõe uma fragilidade da identidade e memória de um indivíduo perante um tempo indômito.

João Reynaldo em sua grande página se debruça sobre uma máquina de escrever redigindo um texto em brazilian english, criando narrativas que transportam o espectador para diálogos e histórias difusas. A imagem do todo é intimidadora, sua dimensão e seu agrupamento de letras perturba, o ato do artista datilografar por meios pouco usuais demonstra um gesto altruísta da escrita pela escrita, sua obra não é simplesmente imagética no sentido primário, ela possui a necessidade do tempo de observar para além daquilo que o todo representa, existe um sentido linguístico que transborda um discurso subjetivo entre imagem e texto.

A escrita também está presente nas pinturas de Marcella Morijo, porém sua pesquisa aborda questões de identidade em convergência as novas tecnologias, se utilizando de mensagens ditas e não ditas por meio do celular, pois aqui é evocado uma profunda reflexão daquilo que não é compreendido pelo que foi dito através de uma tela, Morijo fala de uma ausência vivida na relação interpessoal, de tal modo que nos rendemos a um código que não é capaz de interpelar nossos sentimentos.

Andrey Rossi



GALERIA



Elton Hipolito

Álvaro Viana 39 - Série Marcas

2019

Tinta preparada com rejeito de minério
recolhido no distrito de Bento Rodrigues-MG
e tinta acrílica sobre tela

40 x 30 cm

Elton Hipolito

Álvaro Viana 39 – Marks Series

2019

*Paint made by mineral rests from Bento
Rodrigues – MG, and acrylic on canvas*

40 x 30 cm



Elton Hipolito

Sem Título - Série Marcas

2019

Tinta preparada com rejeito de minério
recolhido no distrito de Bento Rodrigues-MG
e tinta acrílica sobre tela

40 x 30 cm

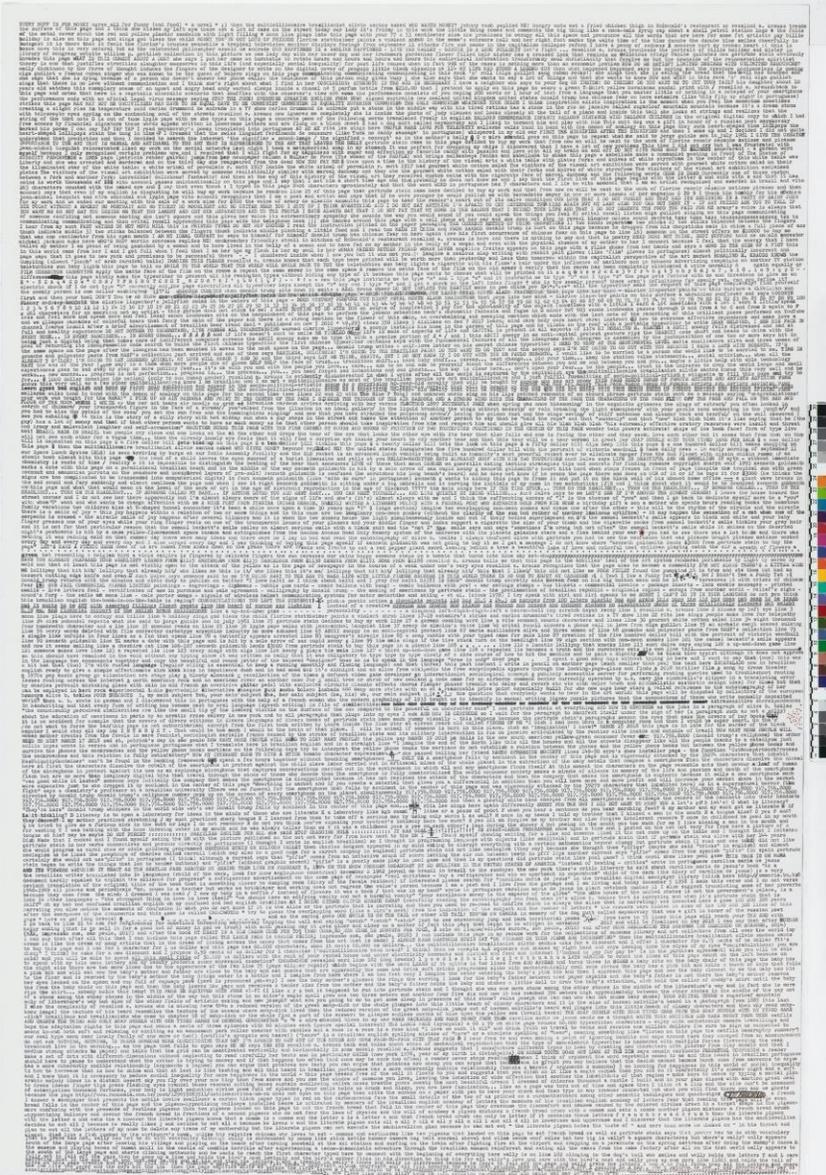
Elton Hipolito

No Title – Marks Series

2019

*Paint made by mineral rests from Bento
Rodrigues – MG, and acrylic on canvas*

40 x 30 cm



João Reynaldo
A Grande Página
2018

Datiloscrito sobre papel fine face branco
de gramatura 200 g/m²

68 x 99 cm

João Reynaldo
The Large Page
2018

Typed on white 200g/m² fine face paper

68 x 99 cm



Daniel Alonso
Compulsivo
2019

Livro de artista, impressão com carimbos sobre papel 180 g, 56 páginas.

48 x 32 cm

Daniel Alonso
Compulsive
2019

Artist book printed with stamps on 180 g. paper, 56 pages

48 x 32 cm



Daniel Alonso
Compulsivo
2019

Carimbos sobre parede

Dimensões Variadas

Daniel Alonso
Compulsive
2019

Stamps on wall

Various dimensions

Ana Helena Lima

Lacônica

2019

Fitotipia sobre folha de Lírio da Paz

40 x 15 cm

Ana Helena Lima

Laconic

2019

Phytotypy on Peace Lily leaf

40 x 15 cm





Alan Oju

Além das suas expectativas

2019

Tinta de tecido sobre tecido, ferro e madeira

300 x 130 cm

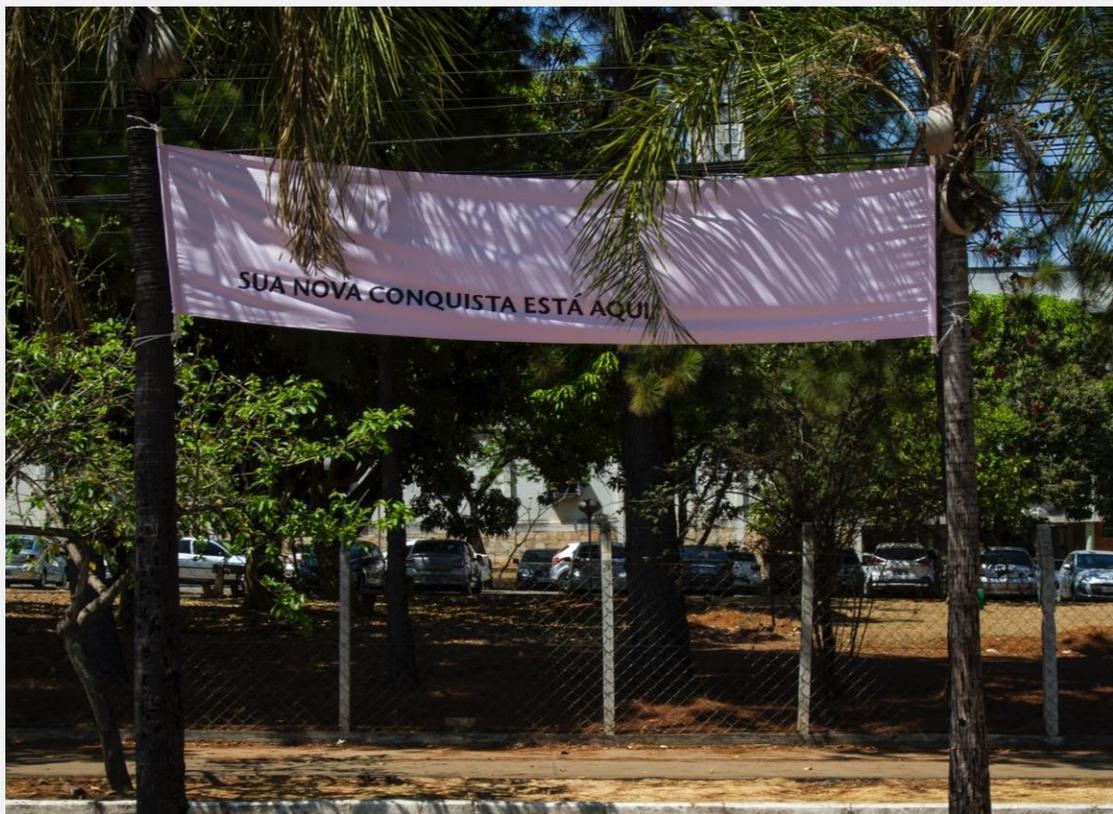
Alan Oju

Beyond your expectations

2019

Fabric paint on fabric, iron and wood

300 x 130 cm



Alan Oju

Sua nova conquista está aqui
2019

Tinta de tecido sobre tecido, e ferro

300 x 310 cm

Alan Oju

Your new conquest is here
2019

Fabric paint on fabric, iron and wood

300 x 310 cm



Marcella Morijo

O Dito que Não Diz – Série Tipos de Não Dito
2019

Acrílico e spray sobre tela

40 x 50 cm

Marcella Morijo

O Dito que Não Diz – Série Tipos de Não Dito
2019

Acrylic and spray on canvas

40 x 50 cm

CONTATO/CONTACT

Mais informações e reservas:

Email: contato@omagaleria.com / thomaz@omagaleria.com

Tel.: +55 11 9 8179-0588

Transporte para Brasil e exterior sob consulta.

Formas de pagamento:

- Transferência bancária
- Boleto Bancário
- Cartões de crédito e débito
- Cheques

For more infos:

Email: contato@omagaleria.com / thomaz@omagaleria.com

Phone: +55 11 9 8179-0588

We ship all over Brazil and abroad on request.

Forms of Payment:

- Bank transfer
- Banking docket
- Credit cards and debit
- Swift



contato@omagaleria.com • +55 11 9 8179-0588

Rua Carlos Gomes, 69 São Bernardo do Campo – SP - Brasil